

# NADA PASSA

Mabel de Britto Lommez

Vaticínio cruel que a mim se propõe: “nada passa”. E eu respondo como eco: nada passa. E, com isso, afirmo que já não me resta esperança, nem mesmo a de ver as coisas passarem, aliás nunca pude ter essa esperança.

Já não me aflijo. A vida escapa-se-me das mãos como a de todos e eu espero, não com esperanças, mas com resignação. Ditaram-me a sorte, a malfadada sorte de estar viva, de vê-los e ouvi-los, de ver-vos e ouvir-vos.

O dia de ontem, o de hoje... O mesmo sol, a mesma luz, o mesmo riso traiçoeiro e sem significado. É inútil procurar significado nas coisas, elas apenas existem. A grandeza dos homens me aborrece. Suas palavras, despidas de conteúdo, nem renovam o ar. São inúteis, como são inúteis e vazias suas vidas, sua febril agitação em busca do nada. Pois nada encontram sempre que procuram algo. Eu já procurei muito, fui incessante pesquisadora das coisas e nelas encontrei apenas esta verdade, verdade extraída de sua própria essência — elas existem. Os homens apenas existem, mas não querem existir apenas. E no seu anelo de se imortalizarem, esquecem-se de que agonizam. Eu assisto à agonia deles... Eles sorriem, sorriem talvez por desespero. Sua alegria á vã. Sua vida é vazia... Eles se agitam em busca do nada.

Essa minha canção: eu nada tenho, eu nada sou mais que a repetição de tudo quando existe e vive, já sei que nome

darão, dirão que ela é desesperada, chocante e pessimista (êles têm sempre as mesmas palavras para tudo). Mas que me importa? Êles estão sujeitos como eu às mesmas leis da vida. Mas eu estou resignada e posso delas falar, não as procuro ocultar — a verdade é para ser vista e sentida. Se alguém ma diz, sei ouvi-la, pois esta é a realidade, é isso a vida.

O mundo me arrasou mesmo antes de ter nascido. Mas que me importa o mundo? Nenhuma lágrima assistirá ao fim, ao fim que é de todos e não só meu. Nenhum gesto me sobrá. Nenhum grito meu se fará ouvir. Nem pensando hei de formular. Nada... Nada apagará a dor de saber que nada vale.

De meus fragmentos consegui construir o *eu*. E o *eu* vive e isso me basta. Não preciso de que êstes fragmentos sejam valorizados. Êles valem pelo que são — simples fragmentos, resíduos da vida.

Antes, bem antes, como a todos os homens acontece, tive esperança, não foi esperança, foi fé. Pensei que existissem outras verdades e que estas valeriam, segui o malfadado caminho daqueles que escolheram a verdade. Minhas palavras ficaram gastas e ninguém as ouviu e, quem as ouviu, delas zombou, delas fêz silêncio e ironia. Hoje cuspo estas palavras de verdade e aconselho a todos fazerem o mesmo. Não percam tempo, amigos, êles não precisam de verdades... Já estão perdidos...

Muito me torturei na ânsia de achar coerência em meus próprios atos e idéias — hoje estão êles dispersos e evasivos, perdi-me como todos no emaranhado dos gestos. Cumpri a trágica sentença do destino — pertencer ao gênero humano.

Se agora eu me debruçasse nesta janela e gritasse aos homens que os odeio, seria apedrejada. Não por ter feito uma profissão de ódio, mas porque lhes disse o que o que artificialmente êles negam. Os homens são repositório de ódio. Amam a mentira: pregam amor, solidariedade e, desde os primitivos tempos, matam, roubam, mentem. Mentem quando matam, porque assassinam por gôsto e afirmam que é para sanar. Mentem porque se apossam indevidamente dos bens

e chamam de ladrões aos legítimos donos. Mentem porque querem ser grandes e racionais.

Filhos do ódio, maltratam por maltratar. Se seus gestos são amenos, desconfiai-vos de suas palavras. Nunca encontrei um homem de gestos e palavras amenos, mas neles é constante a brutalidade e a estupidez de gestos e palavras.

Somos imutáveis em conjunto. Transformamo-nos no exterior, na aparência, nos costumes, intrinsecamente somos os mesmos. O mesmo espírito bélico, a mesma força competitiva, o mesmo desdém, a mesma face indiferente e maligna, apenas os nossos processos de destruição é que evoluem. O progresso material do homem é indiscutível, mas o espiritual se faz cada vez mais tênue, mais lento, mais difícil.

Eu estou satisfeita. É bom que nada mude. É bom que nosso destino seja o mesmo. Siga a mesma constância universal e dêle ninguém escapará (pois poderíamos escapar-nos e isto seria terrível). A esperança, se esta houver, está na morte. E eu, como alguns homens, não compreendo êste mundo. Êste mundo que tomou minha vida para si e a arrasou, êste mundo que ainda me devora. Êle não me pertence e eu lhe pertengo, mas não fui talhada para êle. E quando ela vier, a Consoladora Eterna, eu a receberei, porque a esperança de quem nada espera é esperar pela morte.